

# JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — Presidente do Conselho

MANOEL FRANCISCO BRITO — Diretor Presidente

ROSENAL CALMON ALVES — Diretor

WILSON FIGUEIREDO — Diretor de Redação

DACIO MALTA — Editor

MERVAL PEREIRA — Editor Executivo

ORIVALDO PERIN — Secretário de Redação

06 MAR 1993

## O Ópio dos Economistas

A inflação conquistou nos anos 80, e mantém até hoje, a posição de prima-dona da economia brasileira. Tem destaque diário nos jornais em notícia de primeira página, e tempo no rádio e na televisão, a respeito das previsões diárias sobre sua taxa mensal. A grande ovação se dá quando é anunciado, todo começo de mês, o seu desempenho no mês anterior. Não há quem lhe seja indiferente. E só uns poucos são seus beneficiários.

A revelação do índice mensal estabeleceu um verdadeiro ritual que empresários e economistas, os seus epígonos, cumprem religiosamente recitando explicações que têm pouco de ciência e muito de interesse. Ninguém entende as razões pelas quais a inflação se recusa a descer do patamar em que se estabeleceu, e menos ainda porque os cidadãos ficam siderados, à disposição permanente do anúncio da taxa mensal - uma espécie de ópio da vida financeira nacional.

No começo de cada mês os prognósticos geram novas expectativas de aumentos, complicam a administração pública, mobilizam ressentimentos sociais, atordoam os consumidores e perturbam a vida das empresas, impedidas de se movimentarem com desembaraço numa faixa estreita entre os custos imprevisíveis e lucros inverossímeis. Os interesses que engordam com aumentos mensais dos preços fazem o pregão diário da inflação para difundir o sentimento de que o fenômeno é incontrolável.

Os brasileiros acabaram se transformando em prisioneiros desse círculo de giz traçado pela previsão da taxa mensal de inflação, que invade a vida diária dos cidadãos e se instala na administração das empresas e nas despesas públicas como um câncer. Foi-se o tempo das grandes discussões teóricas e ficou um vazio assustador. Não há mais economista que se interesse em ir além das previsões de índices e arriscar a opinião sobre se é de demanda ou de oferta a inflação que inviabiliza a retomada do desenvolvimento.

Perderam a voz e a razão aqueles empresários, economistas e políticos que fizeram currículo de progressistas com a teoria de que um pouco de inflação ajudaria o desenvolvimento. Com o passar dos anos, como não se comprovasse o absurdo, a dose cavalgar de inflação se incumbiu de demonstrar o contrário: a inflação não só não trouxe como levou para longe o desenvolvimento.

As tempestuosas tentativas de convivência com a inflação, sob diferentes governos, acentua-

ram a incompatibilidade do desenvolvimento com a desvalorização monetária. Mesmo os políticos não têm mais a ilusão de que seja possível sair da recessão mediante injeção de recursos públicos, sem a elementar cautela de conter e fazer retroceder esta inflação insuportável a níveis razoáveis. A questão é tão mais grave quanto a inflação se prolongou e manteve a ilusão mediante a ajuda da correção monetária. Se o governo quiser ganhar tempo na luta contra a inflação, não há alternativa fora da supressão desse remédio — só aplicado no Brasil — que criou a dependência e não trouxe a cura do paciente. Se fosse tratamento eficaz, já teria sido exportado, depois de vinte e tantos anos de aplicação (sem resultado) entre nós.

Enquanto cidadãos e empresários sucumbirem ao engodo de que a correção monetária retempera o cruzeiro desvalorizado de cada dia, estarão fazendo o jogo da inflação e retardando a retomada do desenvolvimento econômico, que não está mais à nossa espera, como parecia, depois de dobrar a esquina. Da teoria de que um pouco de inflação empurra o desenvolvimento nada sobrou: nem os seus defensores dentro e fora do Congresso. A estagnação econômica os silenciou. Chegou a hora de nos livrarmos do consolo pela nossa falta de coragem de olhar nos olhos a inflação: a correção monetária é miragem.

Quanto mais depressa o governo abolir este artifício sob o qual nos escondemos, como o avestruz que esconde a cabeça na terra para fugir ao perigo, mais cedo encontrará a energia social anestesiada pelo elixir feito do próprio mal: a correção e a inflação monetária são irmãos gêmeas. Sem ela, os produtos, bens e serviços que atualizam preços o mês inteiro, às custas de especulações sobre a taxa de inflação futura, serão obrigados a interromper a corrida dos salários eternamente atrás dos preços - e nunca alcançá-los.

A sociedade já entendeu que uma fórmula diabólica deu à inflação brasileira a alma que a torna imortal: a indexação geral da economia. Falta apenas o governo se convencer de que extingui-la é prioridade, pois, sem ela, a inflação perderá a sua razão de ser e permanecer. É a única tentativa que falta ao Brasil recorrer, antes de se curvar à fatalidade que atende por vários nomes mas costuma se apresentar como hiperinflação terminal.